

ATUALIZAÇÕES DO *UBI SUNT?* EM CORA CORALINA

Solange Fiuza Cardoso YOKOZAWA*

“Velho menino de rua, das ruas da minha terra: -- Onde anda você?” (CORALINA, 2001, p.87). “Onde foram os bandos negros que faziam seus rodeios/no azul do espaço?/Onde beija-flores e andorinhas, /os negros anus gritadores, almas de gato dos açoriados do rio? (...) Onde os bem-te-vis dos altos coqueiros/com seus constantes desafios?” (CORALINA, 1995, p.166). “Meus trabalhadores: Manoel Rosa, José Dias, Paulo, Manoel./João, Mato Grosso, plantadores e enxadeiros, meus vizinhos sitiantes/onde andarão eles?” (CORALINA, 1995, p.112). “Onde estará Aninha, a inzoneira,/menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra Silvina.../Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?” (CORALINA, 1995, p.109). “Velhos colegas daquele tempo.../Onde andam vocês?” (CORALINA, 1993, p.76).

Essas são vicissitudes que Cora Coralina acrescenta a um motivo literário antigo e recorrente, o *ubi sunt?* (Onde estão?). Segundo Otto Maria Carpeaux (1999, p.481), trata-se o *ubi sunt?* de uma fórmula sintética da pergunta que aparece formulada no “Gaudeamus”, canção dos estudantes alemães: “Ubi sunt qui ante nos in (hoc) mundo fuere?” (“Onde estão os que viveram neste mundo antes de nós?”).

Augusto Meyer, em um ensaio intitulado “Pergunta sem resposta”, recobra as origens do *ubi sunt?* e percorre realizações desse tema em escritores antigos e modernos da França, Espanha, Alemanha e também de Portugal e do

* Professora de Estudos Literários da UFG, onde atua no Curso de Letras do Campus de Catalão e na Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, em Goiânia. solyokozawa@bol.com.br

Brasil. Meyer, na esteira de Étienne Gilson e Thuasne, esclarece que essa chapa retórica remonta a Salomão, São Paulo, Isaías e foi divulgada por Boécio, onde já se encontra a fórmula: “Ubi nunc Fidelis ossa Fabricii jacent? Quid Brutus aut rigidus Cato?” Na Idade Média, o povo, os doutores da Igreja, os poetas, os pregadores e os tratadistas repetiam esse motivo, mais corriqueiro que outros correntes na época. Entre os poetas medievais, o destaque é para Villon, que tirou efeitos poéticos insólitos do clichê interrogativo em suas baladas, notadamente na “Ballade des dames du temps jadis”, com o sempre lembrado refrão: “Mais ou sont les neiges d’antan?” Meyer fecha seu ensaio sugerindo a organização de uma antologia sobre o *ubi sunt?* com o título “Pergunta sem resposta” e comentando “Profundamente” de Manuel Bandeira. Esse poema passa de uma experiência recente do sujeito lírico (ele adormeceu na noite de São João, entre vozes, cantigas e risos, e, ao despertar no meio da noite, indaga: “Onde estavam os que há pouco/Dançavam/Cantavam/E riam/Ao pé das fogueiras acesas?”) para a recordação de uma experiência da infância, quando não chegou a ver o fim da festa de São João porque adormeceu. É então que pergunta, no presente, pelas pessoas daquele tempo, depois de enumerá-las: “Onde estão todos eles?”

O ensaio de Meyer, sobretudo as observações relativas a “Profundamente”, foi retomado por David Arrigucci em fina análise do poema bandeiriano. Partindo de considerações de Northrop Frye sobre as formas embrionárias dos gêneros literários, quando Frye chama a atenção para as raízes mágicas e o poder hipnótico da camada sonora da poesia, Arrigucci conclui que:

na fórmula do *Ubi sunt?* se condensa, rotinizando-se como uma convenção, uma forma poética da lírica meditativa, pela união de um motivo temático a um recurso retórico encantatório, cujo papel mais fundo

parece ser o de se tornar a morte um fato aceitável na ordem natural das coisas (...) a convenção do *Ubi sunt?* seria um meio entre outros que o homem encontrou para lidar com a morte, através da poesia, não tanto ou apenas para frisar o poder devastador do tempo sobre a existência humana e todas as coisas, mas antes para *instaurar a meditação capaz de tornar admissível a própria idéia de morrer.*(ARRIGUCCI, 1992, p.222. Destaque do autor)

Otto Maria Carpeaux, a quem Meyer dedica o seu “Pergunta sem resposta”, em glosa ao poeta, escreve “Resposta à pergunta”, onde tenta relacionar as diferentes respostas dadas ao *ubi sunt?* com pontos ideológicos diversos. Nesse sentido, observa que, na Europa cristã da Idade Média, o poeta sabia ou julgava saber a resposta: “*Ubi sunt? Onde estão? Estão no outro mundo, sendo recompensados ou punidos conforme suas virtudes ou pecados*” (CARPEAUX, 1999, p.481). Mas houve uma espécie de anti-religião na católica Europa medieval, onde existiram averroístas. A doutrina filosófica de Averroes, que negava a imortalidade das almas individuais, teve como centro europeu a Universidade de Paris, da qual Villon foi aluno. Segundo Carpeaux, não há mais averroístas. Mas ocorreu uma transformação vagarosa do averroísmo em materialismo moderno. “Em materialismo que responde à pergunta: ‘Onde estão?’ Respondendo: ‘Não estão.’ Depois desta vida só há cinzas, cinzas...” (CARPEAUX, 1999, p.482). Esse materialismo pode ser visto na resposta dada por Goya à insistente pergunta, gravando um “Nada” sobre o túmulo.

No caso de Coralina, essa chapa retórica aparece na crônica “Moleques de minha terra” (2001, p.87), nos poemas “Sou raiz” (1995, p.111-112), “Lembranças de Aninha (Os urubus)” (1995, p.165-166), “A gleba me transfigura” (1995, p.108-110) e “A escola da mestra Silvina” (1993, p.75-78).

A presença do *ubí sunt?* nesses textos não autoriza dizer que esse lugar comum seja recorrente na poeta. A questão é que, para além dos textos supracitados, parte considerável da literatura coraliniana, ao se erigir sobre as ruínas de um tempo pessoal, familiar e social, ao se construir com a matéria do que não mais existe, com a memória, representa um *ubi sunt?* indireto e ampliado. Essa literatura é uma tentativa de reencontrar o que não mais está: o tempo perdido, as pessoas desaparecidas, a bisavó morta, a infância finda, o vintém sumido, o prato azul-pombinho escacado...

Cora escreve com o objetivo de preservar o passado do esquecimento, conforme explicita nas palavras dedicadas ao leitor em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*:

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do
[Passado
antes que o Tempo passe tudo a raso.
É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre
atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições,
[sociologia
e folclore de nossa terra.

Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias.
Sei que serei lida e entendida. (p.39)

A relação da autora com os leitores é semelhante àquela do narrador oral com os ouvintes, na qual domina o interesse em conservar o que foi contado. Sua memória também é abrangente como a do contador de histórias caracterizado por Walter Benjamin (1994, p.210): “Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte”.

Imagino quando Cora regressou à cidade de Goiás¹. Ninguém a conhecia. Ela não conhecia ninguém. Os amigos mortos. A cidade evocava a memória do que não mais estava. A pergunta que não queria calar. *Ubi sunt?* Talvez tenha sido assim que nasceu a maior parte de sua poesia, uma tentativa de resposta a essa pergunta sem resposta.

Em “A gleba me transfigura”, a poeta indaga: “Onde está Aninha, a inzoneira” (CORALINA, 1995, p.109)? Aninha não mais está na casa da ponte, espaço natal para o qual a escritora retornou depois de longa ausência. Aninha está numa casa de memória-sonho. E a poeta a reencontra em seus poemas autobiográficos em que revisita freudianamente a infância na tentativa de fazer um acerto de contas com um passado ingrato. Aninha é a testemunha de tempos idos².

A autora faz questão de se dar a conhecer como testemunha, como mulher que tem autoridade para contar porque viu, viveu e ouviu muitas experiências. Em “Evêmb oiada!” (CORALINA, 1993, p.137-141), a expressão “Eu vi” se repete como um ritornelo. Em “Moinho do tempo”, diz a poeta: “Classe média do após treze (13) de maio/Geração ponte, eu fui, posso contar” (CORALINA, 1995, p.54). Variações da fórmula “Minha bisavó contava, eu guardei, posso contar” aparecem em vários textos.

¹ Cora Coralina saiu de Goiás em 1911 em companhia daquele que escolheu para ser seu par, Cantídio Bretas. Viveu no interior e na capital de São Paulo um total de 45 anos. Viúva, estando os filhos criados, ela regressou para sua cidade natal em 1956.

² O nome de batismo de Cora Coralina é Ana Lins dos Guimarães Peixoto. Tão logo começou a publicar seus escritos em periódicos, adotou o pseudônimo com que o Brasil a conhece, o qual terminou por suplantar o seu nome. Mas ao reinventar poeticamente a infância, não fala em nome de Cora Coralina. Esta é a autora empírica que assina os versos. Nos poemas autobiográficos dedicados à infância, é Aninha a máscara lírica da poeta.

Márcio Seligmann-Silva (2003, p.377-87) observa que em latim pode-se denominar o testemunho com duas palavras: *tetis* e *superstes*. A primeira indica o depoimento de um terceiro em um processo. A segunda é importante para se entender o sentido da palavra em Coralina. *Superstes* designa a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente. A poeta demonstra ter consciência de que é a *superstes*, a sobrevivente: “Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?/Minha mestra... Minha mestra... beijo-lhe as mãos,/tão pobre!.../Meus velhos colegas, um a um foram partindo, raleando a fileira.../Aninha, a **sobrevivente**, sua escrita pesada, assentada/nas pedras da nossa cidade” (CORALINA, 1995, p.109. Destaqueei). É através da escrita, da literatura, que a *superstes*, a que sobreviveu aos que não mais estão, pergunta por eles e assenta os seus nomes na pedra da sua poesia.

O poema coralíniano mais bem realizado em que aparece o *ubi sunt?* é “Escola da mestra Silvina” (CORALINA, 1993, p.78. Cf. o poema transcrito em anexo).

Mestra Silvina foi madrinha de crisma de Aninha e a única professora que ela conheceu nos dois ou três anos de escola primária que perfazem toda a sua formação escolar. Silvina Ermelinda Xavier de Brito, cinqüenta anos mais velha que Aninha, tendo já ensinado à sua mãe, era uma mestra de vestes remendadas que, em sua pobreza, não podia dar férias aos alunos para não deixar de receber. Foi através de sua didática paciente que Aninha, a que sentava no banco das mais atrasadas, aprendeu a ler. A professora, percebendo as dificuldades da menina “obtusa”, chamava-a ao fim da aula e ia clareando os seus desentendimentos. Um dia, a mestra teria se alterado, perdido a paciência e aplicado-lhe uns bolos de palmatória, que foram seguidos de um berro e de uma mijada incontinenti, como rememora a autora em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (p.114-115).

Cora oferece esse livro à sua mestra e a homenageia em vários poemas. É a presença da velha mestra, da escola pobre, da menina que sentava no banco das mais atrasadas que se impõe em suas noites de autógrafa (CORALINA, 1995, p.123-124). Ela beija as mãos de mestra Silvina em sua poesia, como a lembrar um ritual praticado à entrada da antiga escola, e lhe confere um lugar poético honroso. Tamaña reverência se explica porque foi a mestra que acreditou na menina em que ninguém acreditava, foi ela que a ensinou a ler. Sem o domínio da escrita, Aninha não teria se transformado em Cora Coralina. Reconhece a poeta: “Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina” (CORALINA, 1995, p.41).

“Escola da mestra Silvina” se vincula, a exemplo de vários poemas da escritora, a elementos autobiográficos, mais especificamente a lembranças da escola da infância. Mas, como em composições diversas, a autora edifica uma autobiografia, memória de si, que é heterobiografia, memória dos outros. Palmatória, pequenas lousas individuais, bancos compridos, escorridos, sem encosto, livros do pedagogo Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, e as máximas do Marquês de Maricá são alguns elementos de uma lembrança pessoal que compõem um quadro da memória educacional de Goiás e do Brasil.

A poeta evoca sua escola com saudade: “A casa da escola ainda é a mesma./-- Quanta saudade quando passo ali!” Em outro momento faz “a chamada da saudade” dos colegas daquele tempo. A presença desse sentimento nostálgico chama a atenção porque a infância não é evocada com saudade na poesia coraliniana. Em “Menina mal amada”, a autora chega a manifestar o seu repúdio invencível às palavras saudade e infância (CORALINA, 1995, p.117). A antiga escola, a velha mestra, os colegas são lembrados com saudade porque pertencem a essa categoria dos espaços e

dos seres amados, os únicos que têm o direito de entrar no país da saudade.

Ao lembrar os colegas, a poeta se vale do clichê interrogativo “Velhos colegas daquele tempo... Onde andam vocês?” Essa variação do *ubi sunt?* aparece duas vezes no texto e encerra uma pergunta pelo destino dos colegas da escola da infância, a maioria dos quais, provavelmente, não mais podia responder à “chamada da saudade” quando o poema foi escrito e publicado. Desse modo, ao recorrer à convenção do *ubi sunt?* para demandar pelos colegas, a poeta parece ter encontrado, como observou Arrigucci em relação a “Profundamente”, um meio, entre outros, para lidar com a morte, através da poesia, “não tanto ou apenas para frisar o poder devastador do tempo sobre a existência humana e todas as coisas, mas antes para *instaurar a meditação capaz de tornar admissível a própria idéia de morrer*” (ARRIGUCCI, 1992, p.222. Destaque do autor). Perguntar pelos colegas de escola valendo-se dessa fórmula recorrente é, portanto, uma forma eufêmica de perguntar pelos que se foram desta vida definitivamente.

Quem pergunta é a sobrevivente: “Eu era Aninha”. Nessa assertiva, chama a atenção a presença do pretérito imperfeito, tempo verbal iterado no poema em questão e em toda a obra da escritora. Conforme ensina a gramática, o pretérito imperfeito, em lugar de mostrar uma ação acabada, apresenta uma ação que, passada em relação ao momento em que se fala, permanece inacabada em relação a outra ação igualmente passada. Nesse sentido, David Arrigucci acrescenta, em comentário sobre a poesia de Bandeira, que, através desse tempo, “o passado deixa de valer como a dimensão de profundidade da memória para significar de acordo com a profundidade com que se imprime sobre a sensibilidade do Eu no presente, como memória viva” (ARRIGUCCI, 1990, p.211). Através dele, a memória poética, em lugar de sublinhar a nostalgia ou a saudade do

que passou, “mostra a convivência deste com o presente, sua atuação presentificada, como a ausência que se faz presença” (p.211). Assim, em “A escola da Mestra Silvina”, o imperfeito evoca um passado (a escola, os colegas, a mestra, os objetos, o espaço) que continua repercutindo no presente do sujeito lírico autobiográfico como memória viva.

À indagação pelos colegas se acrescenta a pergunta pela mestra: “E a mestra?” Mas para essa interrogativa a poeta pensa saber a resposta: “Está no Céu./Tem nas mãos um grande livro de ouro/e ensina a soletrar/aos anjos”. E parece responder como se fosse Aninha, a menina que recebeu uma educação cristã, e, na própria escola primária, aprendeu a doutrina católica com Frei Germano; doutrina não muito diferente daquela cultivada pelos poetas da Europa medieval, os quais também julgavam saber a resposta: “*Ubi sunt?* Onde estão? Estão no outro mundo, sendo recompensados ou punidos conforme suas virtudes ou pecados” (CARPEAUX, 1999, p.481). Na resposta à pergunta sem resposta, Mestra Silvana, elevada a paragens celestiais, é recompensada por aquela que era Aninha, a menina do banco das mais atrasadas que a mestra ajudou a desencantar em Cora Coralina.

Hoje, em Goiás, passo pela porta da casa em que funcionava a escola de mestra Silvina, na Rua Direita. A casa pertence à parte da cidade tombada como patrimônio histórico da humanidade. Mestra Silvina, Cora Coralina, outros que por lá passaram nela imprimiram sua história; história que leio através da lente da poesia coralina. O prédio da escola está lá. Patrimônio material. A escola de Mestra Silvina não mais está. *Ubi sunt?* Essa escola, misto de lembrança e sonho, memória e invenção, poesia e autobiografia, está na obra de Cora Coralina.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio reunidos 1942-1978**. Rio de Janeiro: Universidade Editora, Topbooks, 1999.v.1.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 18.ed. São Paulo: Global, 1993.
- _____. **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha. 5.ed. São Paulo: Global, 1995.
- _____. **Villa Boa de Goyas**. São Paulo: Global, 2001.
- MEYER, Augusto. **Textos críticos**. Seleção e introdução de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.

ANEXO

A ESCOLA DA MESTRA SILVINA

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
Para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal – sempre havia
distribuídos
Alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava “—Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:
Primeiro, segundo,
terceiro e quarto livros
do erudito pedagogo
Abílio César Borges –
Barão de Macaúbas.

E as máximas sapientes
do Marquês de Maricá.

Não se usava quadro-negro.
As contas se faziam
em pequenas lousas
individuais.

Não havia chamada
E sim o ritual
de entradas, compassadas.
“—Bença, Mestra...”

Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.

Velhos colegas daquele tempo...
Onde andam vocês?

A casa da escola inda é a mesma.
-- Quanta saudade quando passo ali!
Rua Direita, n. 13.
Porta da rua pesada,
escorada com a mesma pedra

da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
Corredor de lajes
e um cheirinho de rabugem
dos cachorros de Samélia.
À direita – salas de aulas.
Janelas de rótulas.
Mesorra escura
Toda manchada de tinta
das escritas.
Altos na parede, dois retratos:
Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
Estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,
onde andam vocês?

Sempre que passo pela casa
me parece ver a Mestra,
nas rótulas.
Mentalmente beijo-lhe a mão.

“--Bença, Mestra”.

E faço a chamada de saudade
dos colegas:

Juca Albernaz, Antônio,

João de Araújo, Rufo.

Apulcro de Alencastro,

Vitor de Carvalho Ramos.

Hugo de *Tropas e Boiadas*.

Antônio Rizzo.

Leão Caiado, Orestes de Carvalho.

Natanael Lafaiete Póvoa.

Marica. Albertina Camargo.

Breno – “Escuto e tua voz vai
se apagando com um dolente ciciar
de prece”.

Alberico, Plínio e Dante Camargo.

Gugui e Minguito

de Totó dos Anjos.

Zoilo Remígio.

Zelma Abrantes.

Joana e Marquinha Milamexa.

Marica. Albertina Camargo.

Zu, Maria Djanira, Adília.

Genoveva, Amintas e Teomília.

Alcides e Magnólia Remígio.

Olímpia e Clotilde de Bastos.

Luisita e Fani.

Nicoleta e Olga Bonsolhos.

Laura Nunes.

Adélia Azeredo.

Minha irmã Helena.

(Eu era Aninha.)

Velhos colegas daquele tempo.

Quantos de vocês respondem
esta chamada de saudades

e se lembram da velha escola?

E a Mestra?...

Está no Céu.

Tem nas mãos um grande livro de ouro

e ensina a soletrar

aos anjos.

(CORALINA, 1993, p.75-78)